

PAX CHRISTI PORTUGAL

CUIDAR DA CRIAÇÃO É CONSTRUIR A PAZ

**SUBSÍDIOS PARA A CELEBRAÇÃO DO
43º DIA MUNDIAL DA PAZ
*1 DE JANEIRO 2010***

Lisboa
Dezembro de 2009

PAX CHRISTI PORTUGAL

CUIDAR DA CRIAÇÃO É CONSTRUIR A PAZ

**SUBSÍDIOS PARA A CELEBRAÇÃO DO
43º DIA MUNDIAL DA PAZ
*1 DE JANEIRO 2010***

Lisboa
Dezembro de 2009

Cuidar da Criação é Construir a Paz - Subsídios para a Celebração do 43º Dia Mundial da Paz. 1 de Janeiro 2010

Produzido por: Pax Christi Portugal

Dezembro de 2009

Disponível on-line em: <http://www.paxchristiportugal.net>

SUMÁRIO

EM JEITO DE INTRODUÇÃO

Cuidar é uma atitude de vida, uma cultura, uma espiritualidade7

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 43º DIA MUNDIAL DA PAZ

Se quiseres cultivar a Paz, preserva a Criação9

TEXTOS PARA REFLEXÃO

Cuidar da Terra e uns dos outros: um dever ético18

Repensar o estilo de vida e procurar alternativas21

Uma visão cristã sobre as alterações climáticas24

Decálogo para um ambiente à medida do homem.....27

Garantir a sustentabilidade ambiental29

SUGESTÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 2010

Liturgia do Dia31

Colectânea de Orações34

Outras maneiras de assinalar o Dia Mundial da Paz e usar o tema37

Ideias para trabalhar com crianças39

TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2010)41

EM JEITO DE INTRODUÇÃO...

Cuidar é uma atitude de vida, uma cultura, uma espiritualidade*

Cuidar é mais do que um acto, é uma atitude.

Leonardo Boff

O mundo não é o mundo sem a cintilante caligrafia das constelações.

António Ramos Rosa

A questão das alterações climáticas e as suas previsíveis consequências para a vida no Planeta vem colocar, de novo, em debate a vasta problemática acerca da responsabilidade dos governos e das sociedades pela preservação da qualidade do ambiente e põe em destaque a urgência de que sejam tomadas medidas imediatas para prevenir os efeitos perversos que se antevêm, se não se arrearçar caminho relativamente ao modelo de crescimento económico actual.

Muitas destas decisões só fazem sentido e só terão o impacto desejado e indispensável se forem desenhadas, aceites e postas em prática a nível mundial, se existir algum meio de acompanhar a sua execução por parte dos vários países e se estiverem previstas sanções para algum eventual incumprimento das mesmas.

Por este enunciado de condições, se adivinha a magnitude dos obstáculos a enfrentar e como é fundamental que as opiniões

públicas dos vários países estejam esclarecidas e motivadas para exigirem e respaldarem as decisões que se impõem.

A problemática das alterações climáticas e, mais amplamente, a preocupação com a qualidade ambiental, têm o mérito de nos obrigarem a questionar o paradigma do nosso relacionamento pessoal e colectivo com aquilo que existe e de nos levarem a rever a concepção que temos do lugar em que nos posicionamos na nossa relação com o mundo. Trata-se de uma reflexão inadiável e com consequências sérias para o nosso agir, para o nosso presente e para o nosso futuro.

Não podemos continuar a ver-nos como donos do mundo, com domínio absoluto sobre os demais seres criados e a todos usando em nosso proveito egoísta, mas sim de nos reconhecermos como parte de um todo destinado a desenvolver-se harmoniosamente.

* In <http://www.fundacao-betania.org>. Escrito do Mês. Dezembro 2009

Temos, pois, de nos assumirmos como “cuidadores” de uma herança recebida, que é nossa obrigação transmitir às gerações futuras e, conseqüentemente, evitar que essa herança seja delapidada por causa da nossa incúria e descaso, procurando que seja, antes, uma herança enriquecida com o contributo da nossa criatividade, conhecimento e esforço próprio.

Por outro lado, é imperioso que aprendamos a interiorizar uma atitude de cuidado como modo de ser permanente, com o que tal pressupõe de atenção vigilante às necessidades dos outros seres à nossa volta e às suas potencialidades de desenvolvimento e que transmitamos este modo de estar na vida às gerações mais novas.

“Queremos empenhar-nos juntos em criar condições sustentáveis de vida para toda a criação. Conscientes da nossa responsabilidade perante Deus, temos de fazer e desenvolver critérios comuns para determinar o que é ilícito no plano ético, mesmo que seja realizável sob o ponto de vista científico e tecnológico. Em todo o caso, a dignidade única de todo o ser humano tem de ter o primado em relação ao que é tecnicamente realizável.

Charta Oecumenica, 9

E, porque a todos cabe esta tarefa de cuidar, é inadiável que nos disponhamos a agir como sujeitos responsáveis do seu tempo e lugar, na nossa própria casa como nos ambientes de trabalho e no espaço público, gente capaz de escutar as vozes do presente sem as desconectar da construção do futuro.

Por fim, e atendendo à magnitude dos desafios em causa, não podemos continuar a satisfazer-nos com a prática ocasional de alguns actos isolados, antes teremos de desenvolver uma atitude permanente de cuidado, que esteja bem enraizada no nosso ser profundo, de modo a que aquela se estenda às diferentes instâncias em que se desdobra a vida humana: ao jeito civilizado de lidar com as coisas materiais, à qualidade das relações com os outros, à solicitude pelos membros das nossas famílias e das pessoas que integram as múltiplas constelações dos nossos vizinhos, colegas e amigos, ao uso moderado dos bens materiais, à partilha com quem mais precisa, ao respeito pela Criação e pelo trabalho humano.

O cuidado, mais do que um acto, é uma atitude, lembra Leonardo Boff e, se de atitude se trata, é também algo que deve configurar um certo modo de ser; é uma cultura e uma espiritualidade, um estilo de vida portador de bem-aventurança.

Transpondo para o nosso tempo a sabedoria de vida enaltecida por Cristo no sermão da montanha, podemos dizer que são bem-aventurados os que cuidam amorosamente da Criação, porque experimentam a alegria de tomarem parte na obra criadora de Deus e na cintilante caligrafia das constelações.

*Manuela Silva
Dezembro 2009*

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 43º DIA MUNDIAL DA PAZ

SE QUISESSES CULTIVAR A PAZ, PRESERVA A CRIAÇÃO*

1. Por ocasião do início do Ano Novo, desejo expressar os mais ardentes votos de paz a todas as comunidades cristãs, aos responsáveis das nações, aos homens e mulheres de boa vontade do mundo inteiro. Para este XLIII Dia Mundial da Paz, escolhi o tema: *Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação*. O respeito pela criação reveste-se de grande importância, designadamente porque «a criação é o princípio e o fundamento de todas as obras de Deus»[1] e a sua salvaguarda torna-se hoje essencial para a convivência pacífica da humanidade. Com efeito, se são numerosos os perigos que ameaçam a paz e o autêntico desenvolvimento humano integral, devido à desumanidade do homem para com o seu semelhante – guerras, conflitos internacionais e regionais, actos terroristas e violações dos direitos humanos –, não são menos preocupantes os perigos que derivam do desleixo, se não

mesmo do abuso, em relação à terra e aos bens naturais que Deus nos concedeu. Por isso, é indispensável que a humanidade renove e reforce «aquela aliança entre ser humano e ambiente que deve ser espelho do amor criador de Deus, de Quem provimos e para Quem estamos a caminho».[2]

2. Na encíclica *Caritas in veritate*, pus em realce que o desenvolvimento humano integral está intimamente ligado com os deveres que nascem da *relação do homem com o ambiente natural*, considerado como uma dádiva de Deus para todos, cuja utilização comporta uma responsabilidade comum para com a humanidade inteira, especialmente os pobres e as gerações futuras. Assinalei também que corre o risco de atenuar-se, nas consciências, a noção da responsabilidade, quando a natureza e sobretudo o ser humano são considerados simplesmente como fruto do acaso ou do determinismo evolutivo.[3]

* © Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana.

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, 198.

[2] Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz* (1 de Janeiro de 2008), 7.

[3] Cf. n. 48.

Pelo contrário, conceber a criação como dádiva de Deus à humanidade ajuda-nos a compreender a vocação e o valor do homem; na realidade, cheios de admiração, podemos proclamar com o salmista: «Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, a lua e as estrelas que lá colocastes, que é o homem para que Vos lembreis dele, o filho do homem para dele Vos ocupardes?» (Sl 8, 4-5). Contemplar a beleza da criação é um estímulo para reconhecer o amor do Criador; aquele Amor que «move o sol e as outras estrelas».[4]

3. Há vinte anos, ao dedicar a Mensagem do Dia Mundial da Paz ao tema *Paz com Deus criador, paz com toda a criação*, o Papa João Paulo II chamava a atenção para a relação que nós, enquanto criaturas de Deus, temos com o universo que nos circunda. «Observa-se nos nossos dias – escrevia ele – uma consciência crescente de que a paz mundial está ameaçada (...) também pela falta do respeito devido à natureza». E acrescentava que esta *consciência ecológica* «não deve ser reprimida mas antes favorecida, de maneira que se desenvolva e vá amadurecendo até encontrar expressão adequada em programas e iniciativas concretas».[5] Já outros meus predecessores se referiram à relação existente entre o homem e o ambiente; por exemplo, em 1971, por ocasião do octogésimo aniversário da encíclica *Rerum novarum* de Leão XIII, Paulo VI houve por bem sublinhar que, «por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, [o homem] começa a correr o risco de a destruir e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação». E acrescentou que,

deste modo, «não só o ambiente material se torna uma ameaça permanente – poluições e lixo, novas doenças, poder destruidor absoluto – mas é o próprio contexto humano que o homem não consegue dominar, criando assim para o dia de amanhã um ambiente global que se lhe poderá tornar insuportável. Problema social de grande envergadura, este, que diz respeito à inteira família humana».[6]

4. Embora evitando de intervir sobre soluções técnicas específicas, a Igreja, «perita em humanidade», tem a peito chamar vigorosamente a atenção para a relação entre o Criador, o ser humano e a criação. Em 1990, João Paulo II falava de «crise ecológica» e, realçando o carácter prevalentemente ético de que a mesma se revestia, indicava «a urgente necessidade moral de uma nova solidariedade».[7] Hoje, com o proliferar de manifestações duma crise que seria irresponsável não tomar em séria consideração, tal apelo aparece ainda mais premente. Pode-se porventura ficar indiferente perante as problemáticas que derivam de fenómenos como as alterações climáticas, a desertificação, o deterioramento e a perda de produtividade de vastas áreas agrícolas, a poluição dos rios e dos lençóis de água, a perda da biodiversidade, o aumento de calamidades naturais, o desflorestamento das áreas equatoriais e tropicais? Como descurar o fenómeno crescente dos chamados «prófugos ambientais», ou seja, pessoas que, por causa da degradação do ambiente onde vivem, se vêem obrigadas a abandoná-lo – deixando lá muitas vezes também os seus bens – tendo de enfrentar

[4] Dante Alighieri, *Divina Comédia: O Paraíso*, XXXIII, 145.

[5] *Mensagem para o Dia Mundial da Paz* (1 de Janeiro de 1990), 1.

[6] Carta ap. *Octogesima adveniens*, 21.

[7] *Mensagem para o Dia Mundial da Paz* (1 de Janeiro de 1990), 10.

os perigos e as incógnitas de uma deslocação forçada? Como não reagir perante os conflitos, já em acto ou potenciais, relacionados com o acesso aos recursos naturais? Trata-se de um conjunto de questões que têm um impacto profundo no exercício dos direitos humanos, como, por exemplo, o direito à vida, à alimentação, à saúde, ao desenvolvimento.

5. Entretanto tenha-se na devida conta que não se pode avaliar a crise ecológica prescindindo das questões relacionadas com ela, nomeadamente o próprio conceito de desenvolvimento e a visão do homem e das suas relações com os seus semelhantes e com a criação. Por isso, é decisão sensata realizar uma *revisão profunda e clarividente do modelo de desenvolvimento* e também reflectir sobre o sentido da economia e dos seus objectivos, para corrigir as suas disfunções e deturpações. Exige-o o estado de saúde ecológica da terra; reclama-o também e sobretudo a crise cultural e moral do homem, cujos sintomas há muito tempo que se manifestam por toda a parte.[8] A humanidade tem necessidade de uma *profunda renovação cultural*; precisa de *redescobrir aqueles valores que constituem o alicerce firme* sobre o qual se pode construir um futuro melhor para todos. As situações de crise que está atravessando, de carácter económico, alimentar, ambiental ou social, no fundo são também crises morais e estão todas interligadas. Elas obrigam a projectar de novo a estrada comum dos homens. Impõem, de maneira particular, um modo de viver marcado pela sobriedade e solidariedade, com novas regras e formas de compromisso, apostando com confiança e coragem nas

experiências positivas realizadas e rejeitando decididamente as negativas. É o único modo de fazer com que a crise actual se torne uma *ocasião para discernimento e nova planificação*.

6. Porventura não é verdade que, na origem daquela que em sentido cósmico chamamos «natureza», há «um desígnio de amor e de verdade»? O mundo «não é fruto duma qualquer necessidade, dum destino cego ou do acaso, (...) procede da vontade livre de Deus, que quis fazer as criaturas participantes do seu Ser, da sua sabedoria e da sua bondade».[9] Nas suas páginas iniciais, o livro do *Génesis* introduz-nos no projecto sapiente do cosmos, fruto do pensamento de Deus, que, no vértice, colocou o homem e a mulher, criados à imagem e semelhança do Criador, para «encher e dominar a terra» como «administradores» em nome do próprio Deus (cf. *Gn 1, 28*). A harmonia descrita na Sagrada Escritura entre o Criador, a humanidade e a criação foi quebrada pelo pecado de Adão e Eva, do homem e da mulher, que pretenderam ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-se como suas criaturas. Em consequência, ficou deturpada também a tarefa de «dominar» a terra, de a «cultivar e guardar» e gerou-se um conflito entre eles e o resto da criação (cf. *Gn 3, 17-19*). O ser humano deixou-se dominar pelo egoísmo, perdendo o sentido do mandato de Deus, e, no relacionamento com a criação, comportou-se como explorador pretendendo exercer um domínio absoluto sobre ela. Mas o verdadeiro significado do mandamento primordial de Deus, bem evidenciado no livro do *Génesis*, não consistia numa simples concessão de autoridade, mas

[8] Cf. Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate*, 32.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, 295.

antes num apelo à responsabilidade. Aliás, a sabedoria dos antigos reconhecia que a natureza está à nossa disposição, mas não como «um monte de lixo espalhado ao acaso»,^[10] enquanto a Revelação bíblica nos fez compreender que a natureza é dom do Criador, o Qual lhe traçou os ornamentos intrínsecos a fim de que o homem pudesse deduzir deles as devidas orientações para a «cultivar e guardar» (cf. *Gn 2, 15*).^[11] Tudo o que existe pertence a Deus, que o confiou aos homens, mas não à sua arbitrária disposição. E quando o homem, em vez de desempenhar a sua função de colaborador de Deus, se coloca no lugar de Deus, acaba por provocar a rebelião da natureza, «mais tiranizada que governada por ele».^[12] O homem tem, portanto, o dever de exercer um governo responsável da criação, preservando-a e cultivando-a.^[13]

7. Infelizmente temos de constatar que um grande número de pessoas, em vários países e regiões da terra, experimenta dificuldades cada vez maiores, porque muitos se descuidam ou se recusam a exercer sobre o ambiente um governo responsável. O Concílio Ecuménico Vaticano II lembrou que «Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para uso de todos os homens e povos».^[14] Por isso, a herança da criação pertence à humanidade inteira. Entretanto o ritmo actual de exploração põe seriamente em perigo a disponibilidade de alguns recursos naturais

não só para a geração actual, mas sobretudo para as gerações futuras.^[15] Ora não é difícil constatar como a degradação ambiental é muitas vezes o resultado da falta de projectos políticos clarividentes ou da perseguição de míopes interesses económicos, que se transformam, infelizmente, numa séria ameaça para a criação. Para contrastar tal fenómeno, na certeza de que «*cada decisão económica tem consequências de carácter moral*»,^[16] é necessário também que a actividade económica seja mais respeitadora do ambiente. Quando se lança mão dos recursos naturais, é preciso preocupar-se com a sua preservação prevendo também os seus custos em termos ambientais e sociais, que se devem contabilizar como uma parcela essencial da actividade económica. Compete à comunidade internacional e aos governos nacionais dar os justos sinais para contrastar de modo eficaz, no uso do ambiente, as modalidades que resultem danosas para o mesmo. Para proteger o ambiente e tutelar os recursos e o clima é preciso, por um lado, agir no respeito de normas bem definidas mesmo do ponto de vista jurídico e económico e, por outro, ter em conta a solidariedade devida a quantos habitam nas regiões mais pobres da terra e às gerações futuras.

8. Na realidade, é urgente a obtenção de uma leal *solidariedade entre as gerações*. Os custos resultantes do uso dos recursos ambientais comuns não podem ficar a

[10] Heráclito de Éfeso (± 535-475 a.C.), Fragmento 22B124, in H. Diels-W. Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker* (Weidmann, Berlin 1952⁶).

[11] Cf. Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate*, 48.

[12] João Paulo II, Carta enc. *Centesimus annus*, 37.

[13] Cf. Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate*, 50.

[14] Const. past. *Gaudium et spes*, 69.

[15] Cf. João Paulo II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 34.

[16] Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate*, 37.

cargo das gerações futuras. «Herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, temos obrigações para com todos, e não podemos desinteressar-nos dos que virão depois de nós aumentar o círculo da família humana. A solidariedade universal é para nós não só um facto e um benefício, mas também um dever. *Trata-se de uma responsabilidade que as gerações presentes têm em relação às futuras*, uma responsabilidade que pertence também a cada um dos Estados e à comunidade internacional».[17] O uso dos recursos naturais deverá verificar-se em condições tais que as vantagens imediatas não comportem consequências negativas para os seres vivos, humanos e não humanos, presentes e vindouros; que a tutela da propriedade privada não dificulte o destino universal dos bens;[18] que a intervenção do homem não comprometa a fecundidade da terra para benefício do dia de hoje e do amanhã. Para além de uma leal solidariedade entre as gerações, há que reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada *solidariedade entre os indivíduos da mesma geração*, especialmente nas relações entre os países em vias de desenvolvimento e os países altamente industrializados: «A comunidade internacional tem o imperioso dever de encontrar as vias institucionais para regular a exploração dos recursos não renováveis, com a participação também dos países pobres, de modo a planificar em conjunto o futuro».[19] *A crise ecológica manifesta a urgência de uma solidariedade que se*

projecte no espaço e no tempo. Com efeito, é importante reconhecer, entre as causas da crise ecológica actual, a responsabilidade histórica dos países industrializados. Contudo os países menos desenvolvidos e, de modo particular, os países emergentes não estão exonerados da sua própria responsabilidade para com a criação, porque o dever de adoptar gradualmente medidas e políticas ambientais eficazes pertence a todos. Isto poder-se-ia realizar mais facilmente se houvesse cálculos menos interesseiros na assistência, na transferência dos conhecimentos e tecnologias menos poluidoras.

9. Um dos principais problemas a enfrentar pela comunidade internacional é, sem dúvida, o dos recursos energéticos, delineando estratégias compartilhadas e sustentáveis para satisfazer as necessidades de energia da geração actual e das gerações futuras. Para isso, é preciso que as sociedades tecnologicamente avançadas estejam dispostas a favorecer comportamentos caracterizados pela sobriedade, diminuindo as próprias necessidades de energia e melhorando as condições da sua utilização. Ao mesmo tempo é preciso promover a pesquisa e a aplicação de energias de menor impacto ambiental e a «redistribuição mundial dos recursos energéticos, de modo que os próprios países desprovidos possam ter acesso aos mesmos».[20] Deste modo, a crise ecológica oferece uma oportunidade histórica para elaborar uma resposta colectiva tendente a converter o modelo de desenvolvimento global segundo uma direcção mais respei-

[17] Pont. Conselho «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 467; cf. Paulo VI, Carta enc. *Populorum progressio*, 17.

[18] Cf. João Paulo II, Carta enc. *Centesimus annus*, 30-31.43.

[19] Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate*, 49.

[20] *Ibid.*, 49.

tadora da criação e de um desenvolvimento humano integral, inspirado nos valores próprios da caridade na verdade. Faço votos, portanto, de que se adopte um modelo de desenvolvimento fundado na centralidade do ser humano, na promoção e partilha do bem comum, na responsabilidade, na consciência da necessidade de mudar os estilos de vida e na prudência, virtude que indica as acções que se devem realizar hoje na previsão do que poderá suceder amanhã.[21]

10. A fim de guiar a humanidade para uma gestão globalmente sustentável do ambiente e dos recursos da terra, o homem é chamado a concentrar a sua inteligência no campo da pesquisa científica e tecnológica e na aplicação das descobertas que daí derivam. A «nova solidariedade», que João Paulo II propôs na *Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1990*, [22] e a «solidariedade global», a que eu mesmo fiz apelo na *Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2009*, [23] apresentam-se como atitudes essenciais para orientar o compromisso de tutela da criação através de um sistema de gestão dos recursos da terra melhor coordenado a nível internacional, sobretudo no momento em que se vê aparecer, de forma cada vez mais evidente, a forte relação que existe entre a luta contra a degradação ambiental e a promoção do desenvolvimento humano integral. Trata-se de uma dinâmica imprescindível, já que «o desenvolvimento integral do homem não pode realizar-se sem o desenvolvimento solidário da humanidade». [24] Muitas são hoje as oportunidades científicas e os potenciais percursos inova-

dores, mediante os quais é possível fornecer soluções satisfatórias e respeitadoras da relação entre o homem e o ambiente. Por exemplo, é preciso encorajar as pesquisas que visam identificar as modalidades mais eficazes para explorar a grande potencialidade da energia solar. A mesma atenção se deve prestar à questão, hoje mundial, da água e ao sistema hidrogeológico global, cujo ciclo se reveste de primária importância para a vida na terra, mas está fortemente ameaçado na sua estabilidade pelas alterações climáticas. De igual modo deve-se procurar apropriadas estratégias de desenvolvimento rural centradas nos pequenos cultivadores e nas suas famílias, sendo necessário também elaborar políticas idóneas para a gestão das florestas, o tratamento do lixo, a valorização das sinergias existentes no contraste às alterações climáticas e na luta contra a pobreza. São precisas políticas nacionais ambiciosas, completadas pelo necessário empenho internacional que há-de trazer importantes benefícios sobretudo a médio e a longo prazo. Enfim, é necessário sair da lógica de mero consumo para promover formas de produção agrícola e industrial que respeitem a ordem da criação e satisfaçam as necessidades primárias de todos. A questão ecológica não deve ser enfrentada apenas por causa das pavorosas perspectivas que a degradação ambiental esboça no horizonte; o motivo principal há-de ser a busca duma autêntica solidariedade de dimensão mundial, inspirada pelos valores da caridade, da justiça e do bem comum. Por outro lado, como já tive ocasião de recordar, a técnica «nunca é

[21] Cf. São Tomás de Aquino, *Summa theologiae*, II-II, q. 49, 5.

[22] Cf. n. 9.

[23] Cf. n. 8.

[24] Paulo VI, Carta enc. *Populorum progressio*, 43.

simplesmente técnica; mas manifesta o homem e as suas aspirações ao desenvolvimento, exprime a tensão do ânimo humano para uma gradual superação de certos condicionamentos materiais. Assim, *a técnica insere-se no mandato de “cultivar e guardar a terra”* (cf. Gn 2,15) que Deus confiou ao homem, e há-de ser orientada para reforçar aquela aliança entre ser humano e ambiente em que se deve reflectir o amor criador de Deus».[25]

11. É cada vez mais claro que o tema da degradação ambiental põe em questão os comportamentos de cada um de nós, os estilos de vida e os modelos de consumo e de produção hoje dominantes, muitas vezes insustentáveis do ponto de vista social, ambiental e até económico. Torna-se indispensável uma real mudança de mentalidade que induza a todos a adoptarem *novos estilos de vida*, «nos quais a busca do verdadeiro, do belo e do bom e a comunhão com os outros homens, em ordem ao crescimento comum, sejam os elementos que determinam as opções do consumo, da poupança e do investimento».[26] Deve-se educar cada vez mais para se construir a paz a partir de opções clarividentes a nível pessoal, familiar, comunitário e político. Todos somos responsáveis pela protecção e cuidado da criação. Tal responsabilidade não conhece fronteiras. Segundo o *princípio de subsidiariedade*, é importante que cada um, no nível que lhe corresponde, se comprometa a trabalhar para que deixem de prevalecer os interesses particulares. Um papel de sensibilização e formação compete de modo particular aos vários sujeitos da sociedade civil e às organizações não-governamentais, empenhados com deter-

minação e generosidade na difusão de uma responsabilidade ecológica, que deveria aparecer cada vez mais ancorada ao respeito pela «ecologia humana». Além disso, é preciso lembrar a responsabilidade dos meios de comunicação social neste âmbito, propondo modelos positivos que sirvam de inspiração. É que ocu-par-se do ambiente requer uma visão larga e global do mundo; um esforço comum e responsável a fim de passar de uma lógica centrada sobre o interesse egoísta da nação para uma visão que sempre abrace as necessidades de todos os povos. Não podemos permanecer indiferentes àquilo que sucede ao nosso redor, porque a deterioração de uma parte qualquer do mundo recairia sobre todos. As relações entre pessoas, grupos sociais e Estados, bem como as relações entre homem e ambiente são chamadas a assumir o estilo do respeito e da «caridade na verdade». Neste contexto alargado, é altamente desejável que encontrem eficaz correspondência os esforços da comunidade internacional que visam obter um progressivo desarmamento e um mundo sem armas nucleares, cuja mera presença ameaça a vida da terra e o processo de desenvolvimento integral da humanidade actual e futura.

12. *A Igreja tem a sua parte de responsabilidade pela criação* e sente que a deve exercer também em âmbito público, para defender a terra, a água e o ar, dádivas feitas por Deus Criador a todos, e antes de tudo para proteger o homem contra o perigo da destruição de si mesmo. Com efeito, a degradação da natureza está intimamente ligada à cultura que molda a convivência humana, pelo que, «quando a *“ecologia humana”* é respeitada dentro da

[25] Carta enc. *Caritas in veritate*, 69.

[26] João Paulo II, Carta enc. *Centesimus annus*, 36.

sociedade, beneficia também a ecologia ambiental».[27] Não se pode pedir aos jovens que respeitem o ambiente, se não são ajudados, em família e na sociedade, a respeitar-se a si mesmos: o livro da natureza é único, tanto sobre a vertente do ambiente como sobre a da ética pessoal, familiar e social.[28] Os deveres para com o ambiente derivam dos deveres para com a pessoa considerada em si mesma e no seu relacionamento com os outros. Por isso, de bom grado encorajo a educação para uma responsabilidade ecológica, que, como indiquei na encíclica *Caritas in veritate*, salvasse uma autêntica «ecologia humana» e conseqüentemente afirme, com renovada convicção, a inviolabilidade da vida humana em todas as suas fases e condições, a dignidade da pessoa e a missão insubstituível da família, onde se educa para o amor ao próximo e o respeito da natureza.[29] É preciso preservar o património humano da sociedade. Este património de valores tem a sua origem e está inscrito na lei moral natural, que é fundamento do respeito da pessoa humana e da criação.

13. Por fim não se deve esquecer o facto, altamente significativo, de que muitos encontram tranquilidade e paz, sentem-se renovados e revigorados quando entram em contacto directo com a beleza e a harmonia da natureza. Existe aqui uma espécie de reciprocidade: quando cuidamos da criação, constatamos que Deus, através da criação, cuida de nós. Por outro lado, uma visão correcta da relação do homem com o ambiente impede de absolutizar a natureza ou de a considerar mais importante do

que a pessoa. Se o magistério da Igreja exprime perplexidades acerca de uma concepção do ambiente inspirada no ecocentrismo e no biocentrismo, fá-lo porque tal concepção elimina a diferença ontológica e axiológica entre a pessoa humana e os outros seres vivos. Deste modo, chega-se realmente a eliminar a identidade e a função superior do homem, favorecendo uma visão igualitarista da «dignidade» de todos os seres vivos. Assim se dá entrada a um novo panteísmo com acentos neopagãos que fazem derivar apenas da natureza, entendida em sentido puramente naturalista, a salvação para o homem. Ao contrário, a Igreja convida a colocar a questão de modo equilibrado, no respeito da «gramática» que o Criador inscreveu na sua obra, confiando ao homem o papel de guardião e administrador responsável da criação, papel de que certamente não deve abusar mas também não pode abdicar. Com efeito, a posição contrária, que considera a técnica e o poder humano como absolutos, acaba por ser um grave atentado não só à natureza, mas também à própria dignidade humana.[30]

14. *Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação.* A busca da paz por parte de todos os homens de boa vontade será, sem dúvida alguma, facilitada pelo reconhecimento comum da relação indivisível que existe entre Deus, os seres humanos e a criação inteira. Os cristãos, iluminados pela Revelação divina e seguindo a Tradição da Igreja, prestam a sua própria contribuição. Consideram o cosmos e as suas maravilhas à luz da obra criadora do Pai e redentora de Cristo, que, pela sua morte e ressurrei-

[27] Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate*, 51.

[28] Cf. *ibid.*, 15.51.

[29] Cf. *ibid.*, 28.51.61; João Paulo II, Carta enc. *Centesimus annus*, 38.39.

[30] Cf. Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate*, 70.

ção, reconciliou com Deus «todas as criaturas, na terra e nos céus» (Cl 1, 20). Cristo crucificado e ressuscitado concedeu à humanidade o dom do seu Espírito santificador, que guia o caminho da história à espera daquele dia em que, com o regresso glorioso do Senhor, serão inaugurados «novos céus e uma nova terra» (2 Pd 3, 13), onde habitarão a justiça e a paz para sempre. Assim, proteger o ambiente natural para construir um mundo de paz é dever de toda a pessoa. Trata-se de um desafio urgente que se há-de enfrentar com renovado e concorde empenho; é uma oportunidade providencial para entregar às novas gerações a perspectiva de um futuro melhor para todos. Disto mesmo estejam cientes os responsáveis das nações e quantos, nos diversos níveis, têm a peito a sorte da humanidade: a salvaguarda da criação e a realização da paz são realidades intimamente ligadas entre si. Por isso, convido todos os crentes a elevarem a Deus, Criador onipotente e Pai misericordioso, a sua oração fervorosa, para que no coração de cada homem e de cada mulher ressoe, seja acolhido e vivido o premente apelo: *Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação.*

Vaticano, 8 de Dezembro de 2009.

Benedictus PP XVI

“No século XX, a acção do homem fez aumentar a presença na atmosfera de gases com efeito de estufa – principalmente, dióxido de carbono, metano e ozono – para cerca de 30% acima dos níveis da era pré-industrial. Esta evolução terá consequências gravíssimas para a humanidade neste século XXI, e posteriormente. O impacto do aumento de gases com efeito de estufa já está a tornar-se evidente. A Terra aqueceu 0,7°C ao longo do século passado – mas a velocidade a que se está a registar esta alteração tem vindo a aumentar. Os 10 anos mais quentes ocorreram desde 1994 para cá. A década de 90 foi a mais quente desde o século XIV. Os glaciares estão a encolher e o nível do mar está a aumentar muito mais depressa do que os meteorologistas previam há uma década atrás.”

Relatório do Desenvolvimento Humano 2006

CUIDAR DA TERRA E UNS DOS OUTROS

Um dever ético*

1. Mais do que reflectir sobre o que o ser humano pode criar no âmbito do desenvolvimento, é prioritário perguntarmo-nos sobre o que a natureza é capaz de suportar a nosso respeito. A nossa relação com o mundo natural, do qual somos parte, é espelho do que temos sido: do terror e mistério, do mito e da sacralização (das energias ocultas) transitamos para a conquista, a predação, o apocalipse...

Longe da familiaridade com a “Madre Terra”, a distância do poder exibiu as insígnias da força, da domesticação e da concorrência.

A frase do conhecido autor alemão Hans Jonas, que tantas vezes dissertou sobre este tema (evoquemos, por exemplo, a sua “Ética da natureza”), dá que pensar:

“Cabe à Humanidade proteger o oceano das nossas investidas de mortais e humanos, de preferência à Humanidade defender-se dos cataclismos do mesmo oceano”.

2. A ética, em lugar de constituir um conhecimento opressor através de normas

asfixiantes, como código de asilos ou de casas de correcção de triste história, é, por um lado, uma ciência de estilo, abrindo-nos os olhos para os critérios da realidade natural e humana, ao sublinhar que a verdade do real urge ser conhecida nas suas características, ao mesmo tempo que os protocolos de relacionamento solicitam um passaporte e uma identidade. O bem da natureza humana e natural decorre da sua realidade, disponível a ser descoberta e aperfeiçoada, sempre com a salvaguarda de nunca a ciência e colaterais tentações de interesses e proveitos desviarem o mesmo real para a auto-complacência e para a descaracterização. Há uma “ética do real” no sentido da descoberta e da respeitabilidade pelas leis que a ela presidem. Há uma “ética do conhecimento”, no sentido em que o conhecido biólogo e epistemólogo Jacques Monod o evidencia, a saber: que cada objecto de conhecimento deve ser trabalhado com o método próprio (um método bom ou um método de bem), o que traduz exigências e valores de actuação ética.

* Intervenção de D. Januário Torgal Mendes Ferreira, Presidente da Pax Christi Portugal, durante o Colóquio “Cuidar da Terra e uns dos outros: Ecologia, Paz e Estilos de Vida”, organizado pela Pax Christi Portugal a 21 de Setembro de 2007.

Conforme Albert Schweitzer em “Cultura e Ética”: “Ética é a responsabilidade, ampliada ao infinito em relação a tudo quanto possui a vida. Bom é conservar a vida e favorecê-la; mau é destruir e impedir a vida”.

Mas o procedimento ético não é só observar ou submeter-se a orientações de “estrada”, na linha de uma ética de convicção; é, também, sobretudo e cada vez mais, proceder ou testemunhar comportamentos cívico/morais que não contamine de infelicidade (ou mal) as gerações futuras ou agir de tal forma que as consequências do agir constituam fontes de progresso, qualidade de vida, alegria, justiça e paz para os vindouros... Passamos da ética do próximo à ética do longínquo no sentido da responsabilidade significar que alguma coisa nos foi confiada. Daí a antropomorfização do mundo da natureza quando se afirma que, diante de não poucas barbaridades, “a natureza se vinga”. Ou, então, se o mundo da criança não for acolhido com ternura e feito progredir de harmonia com sãs orientações, a criança aniquila-se...

3. Em 1 de Setembro de 2007, em Loretto, Bento XVI pediu aos jovens: “Sede vigilantes. Salvai o planeta” e Jonh Carr, secretário do departamento de Desenvolvimento Social e Paz Mundial, da Conferência Episcopal dos Estados Unidos, declarou: “a gente pobre do nosso país, e dos países pobres, como poderão evitar as consequências negativas da mudança climática? São os pobres que pagam a negligência e o atraso, suportando as consequências de ações injustificadas. Não digam que este é um problema da moda... A preocupação por este problema começou no Génesis”.

Cuidar do mundo – da terra, da água, da luz, do verde e da montanha, da planície, é uma responsabilidade cristã pelo progresso integral, na perspectiva da qualidade de

vida, da instância da partilha, longe da manipulação e dos lucros, que sujam, estragam, corrompem e destroem o planeta. Porque cuidar do mundo criado e qualificá-lo no sentido da perfeição, da beleza e da solidariedade de uma terra para todos os seres, para além de salvar e curar de feridas o universo, exprime a realidade mais próxima do ser humano. Este ocupa-se das coisas e dos seres, e por elas e por eles se preocupa, e a sua inteligência e descoberta da fundura do ser é a defesa e o respeito por todas as outras, não pela via da competição mas da sensibilidade racional e da racionalidade emocional ao fazer-se um com todos e cada um. A casa dos outros é a nossa casa no sentido da comunidade solidária. Assim Mathew Fox na “Espiritualidade da Criação”: “Como sabiam os místicos, e como acabou de descobrir a Ciência moderna, a compaixão significa a interdependência de todas as coisas”.

E ainda “A luta pelo direito das baleias e do solo, das florestas e do ar, como de qualquer criatura de Deus, está também ligado ao bem de toda a criação” (Cf. L. Boff – W. Müller, Princípio de Compaixão e Cuidado, trad., Petrópolis, Ed. Vozes, 2001, p. 83)

Calcula-se que, neste momento, haja uns 20 milhões de refugiados por motivo de problemas ambientais (mais do que pela guerra ou motivos políticos); a desertificação ameaça a subsistência de milhões de pessoas, sobretudo na África subsariana; em 2015 mais de 650 milhões de pessoas não terão acesso a água potável; o dióxido de carbono é a principal causa dos efeitos de estufa e procede da utilização de combustíveis fósseis; 60 % do gás emitido para a atmosfera prende-se com a geração de energia, e o restante, dos veículos de transporte, do aquecimento, da indústria, etc. Urge, pois, buscar um novo modelo

energético. O modelo de crescimento económico em nome do desenvolvimento implica a lucidez e a coragem em adoptar um outro que tenha em conta tais nocivas consequências.

O uso injusto dos bens da terra por parte de uma pequena parte da Humanidade obsta, na linha da dignidade, a que as pessoas e os povos sejam protagonistas do seu próprio desenvolvimento; a competitividade, mal entendida, o egoísmo e a acumulação da riqueza, devem ser recusadas e substituídas por um verdadeiro modelo económico, inspirado e inspirador de uma distribuição justa e solidária de seus valores, e certo da transmissão desses bens às gerações futuras.

4. O respeito pelo estatuto da natureza e dos seus recursos dignificará o ser humano enquanto “pastor do ser” e reconciliador do universo pois um utilizador do mundo em favor de meros e crescentes proveitos pessoais origina superpotências de domínio, da desvirtuação da natureza com a intoxicação química e radioactiva, com o desconforto de, sob o uniforme do progresso, se esconder o desvirtuamento da integridade, beleza e justiça, ao “travestirse” de senhorio e de falso sucesso...

5. A Paz não se constitui a qualquer preço. É muito mais fácil fazer a guerra.

D. Januário Torgal Mendes Ferreira

“Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer todos e reduzir os impactos sobre o ambiente. O crescimento de uma sociedade civil global está a criar novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. Os nossos desafios em questões ambientais, económicas, políticas, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos estabelecer soluções que incluam todos estes aspectos. Para aceitarmos estas aspirações, devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade global, bem como com as nossas comunidades locais. (...) Precisamos urgentemente de uma visão conjunta de valores básicos, para proporcionar um fundamento ético à comunidade global emergente.

Carta da Terra, Preâmbulo

REPENSAR O ESTILO DE VIDA E PROCURAR ALTERNATIVAS*

1. Se este tema me tivesse sido proposto há uns 7 ou 8 anos atrás, sentiria, por certo, a necessidade de começar por fundamentar a sua pertinência, recorrendo a uma análise sobre a situação do Planeta Terra e os desequilíbrios que resultam de um conjunto de alterações em curso que poderão condicionar dramaticamente o nosso futuro colectivo e constituem, por isso, uma ameaça à paz.

Tais situações são inevitáveis: umas, por dependerem da evolução do próprio planeta e produzidas outras pela acção predadora do ser humano. Em particular, dada a minha formação em economia, ter-me-ia ocupado em demonstrar que o modelo económico vigente, nomeadamente a lógica cega do mercado e a sua regra de ouro de maximização do lucro do capital financeiro não conduz a uma convivência social sustentável. Nem do ponto de vista ambiental nem em termos de coesão social.

Hoje, não vejo necessidade de me debruçar sobre estes factos.

É que, entretanto, têm-se multiplicado as vozes que alertam para esta situação.

Hoje, temos fundadas razões para lembrar o poema da Sophia de Melo Breyner: “Vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar...”

Ainda recentemente correu mundo o filme “Uma verdade inconveniente” que sacudiu algumas consciências ainda adormecidas em relação às alterações climáticas em curso e seus efeitos previsíveis a prazo relativamente curto.

Também, no ano passado, a Fundação Gulbenkian, para comemorar o seu 50º aniversário, promoveu uma série de iniciativas acerca do estado do mundo e foram muitas as pistas deixadas pelos mais diversos cientistas, pistas essas que suscitaram uma justa apreensão em domínios tão variados como sejam: a escassez de recursos básicos incluindo a água potável, as migrações massivas intercontinentais, o terrorismo internacional ou os novos valores por que se estão regendo os comportamentos dos grupos humanos nas diferentes latitudes.

Em suma, creio que, hoje, os diagnósticos estão feitos, a informação circula pelos diferentes corredores ou avenidas dos

* Intervenção da Dra. Manuela Silva, durante o Colóquio “Cuidar da Terra e uns dos outros: Ecologia, Paz e Estilos de Vida”, organizado pela Pax Christi Portugal a 21 de Setembro de 2007.

media. A opinião pública está razoavelmente desperta.

Os governos aos vários níveis mostram-se preocupados e multiplicam-se as iniciativas de concertação de interesses, no plano internacional, nacional e local.

Direi mesmo que as grandes empresas também já começam a dar-se conta que lhes cabe alguma responsabilidade na situação e que devem agir no seu próprio interesse, pois está em jogo a sua própria viabilidade a longo prazo. Fala-se em responsabilidade social das empresas.

Estaremos então no bom caminho para enfrentar estes novos desafios?

2. Não se poderá, porém, ir muito mais longe se, entretanto, não ocorrer uma mudança significativa de atitude e comportamento por parte da generalidade dos humanos e, em especial, por parte dos cidadãos e cidadãs dos países mais ricos. Mudança essa que implicará alteração nos estilos de vida das pessoas, mas também mudança nas lógicas de gestão das empresas, isto é, na mentalidade dos seus responsáveis e nos respectivos critérios de performance.

Nesta reflexão, deixarei de lado a questão da responsabilidade das empresas e debruçar-me-ei sobre a responsabilidade das pessoas.

3. O primeiro obstáculo a vencer é o da inércia face à mudança, o qual se alimenta do preconceito da inutilidade dos gestos individuais como ingrediente da mudança social.

A este propósito, está na hora de percebermos várias coisas:

- que eu sou parte do todo e que aquilo, que penso, digo e faço, tem repercussão no conjunto. Nenhum ou nenhuma de nós é um Robinson Crusoe na sua ilha deserta;

- que o instante é partícula de um tempo largo. Integra um passado e antecipa um futuro, o que pressupõe que seja vivido com responsabilidade e não em atitude de *carpe die* ou goza o momento *now* como pretende certa publicidade;
- que os recursos do planeta são limitados.
- que a grande desigualdade e a extrema pobreza de muitos constituem focos de tensão social e são uma ameaça à paz que todos desejamos, pois que um dia explodirão de forma violenta e incontrolada;

4. E então que fazer? Num texto que escrevi em 2005, defendi a importância de desenvolver uma “ética do necessário” como opção pessoal.

Com uma tal expressão quero significar que importa:

- romper o círculo infernal da dominação pelo “ter” (conversão de Mamom a Deus);
- exercer um efectivo controlo sobre as nossas expectativas de progresso material ilimitado;
- aprender a adoptar um posicionamento crítico face à actual dominação do marketing;
- reaprender e revalorizar o nosso apreço pela simplicidade e a qualidade da vida.
- revalorizar as relações humanas e apostar na qualidade destas relações (família, trabalho, vizinhança, ...);
- reconhecer a solidariedade como valor e viver a solidariedade como atitude permanente de vida;
- aprender a discernir a utilidade “real” das coisas materiais em comparação com o seu custo efectivo e praticar regularmente o exercício do “orçamento zero”.

A “ética do necessário” é, essencialmente, uma opção pessoal que deverá ser aceite e posta em prática nos nossos quotidianos. Mas não se limita a uma postura individualista. Quando profundamente assumida, esta opção implica ainda um empenhamento em acções colectivas que visem levar a “ética do necessário” para a esfera da prática cívica e política.

Com um tal objectivo, importa nomeadamente:

- denunciar o “esbanjamento” na vida colectiva, sob todas as suas formas (nos meios de trabalho, nas autarquias ou na Administração Pública, mas também nas paróquias ou nos clubes);
- opor as barreiras possíveis contra a corrupção;
- exercer o direito à crítica das prioridades dos gastos públicos;

No caso das comunidades cristãs, penso que seria também extremamente importante imprimir o cunho da “ética do necessário” na administração das obras a cargo das comunidades religiosas ou de outras organizações cristãs. Há obras e projectos que são exemplos de esbanjamento e expoente máximo do gosto da opulência, quando deveriam ser testemunho de simplicidade, sobriedade e solidariedade.

5. Queria terminar esta minha intervenção com uma nota de optimismo. A realidade está a mudar e há novos paradigmas de organização a vida colectiva que estão a emergir e que são prova de que é possível viver melhor, isto é, com mais saúde, mais segurança e melhor qualidade de vida, fora do quadro dominante de um consumo compulsivo e predador e de um ritmo de trabalho *stressante*.

Um dos tabuleiros em que mais visivelmente se jogam estas opções é o do mundo do trabalho. O trabalho impõe horários e ritmos ditados pelos interesses das organizações, empresas e outras, e o trabalha-

dor aparentemente sente-se impotente para enfrentar os condicionalismos impostos e vai assumindo as novas condições laborais como uma inevitabilidade da globalização e da precariedade do vínculo laboral. Mas há quem encontre maneira de contornar tais dificuldades, desde logo reduzindo os respectivos tempos de trabalho (recusando duplo ou triplo emprego; evitando trabalho extraordinário ou a permanência no local de trabalho para além do horário estabelecido. Há quem tenha condições para optar por trabalho por conta própria e desempenho de actividades de utilidade social,...

Naturalmente que estas opções não se fazem sem uma ponderação sobre as eventuais reduções no poder de compra e no consumo ou as perdas de estabilidade no emprego e outras. Como sempre na vida, há que fazer escolhas e sabemos que delas depende, entre outras, a atenção às crianças e aos idosos, a qualidade da relação conjugal e a estabilidade das famílias, o desenvolvimento pessoal. Uma justa ponderação dos interesses familiares em jogo poderá servir como guia de discernimento. Neste domínio, muita coisa está mexendo...

No plano mundial, vão-se multiplicando iniciativas de vária natureza e proveniência que não só explanam estas ideias e as difundem, como procuram pô-las em prática colectivamente, ousando novos estilos de vida. Podem encontrar-se várias referências na Internet. Com as possibilidades criadas pelos meios de comunicação estas experiências desenvolvem as suas formas próprias de interagir e replicar. São, por ora, como gota de água que vai engrossando o rio de um novo paradigma de vida e organização da sociedade. São sinais dos tempos que importa conhecer e valorizar como caminhos para a paz.

Manuela Silva

UMA VISÃO CRISTÃ SOBRE AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Impactos sobre estilos de vida e sobre a política da UE*

As alterações climáticas são consideradas cada vez mais como uma questão de sobrevivência para uma grande parte da Humanidade. O 4º Relatório do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC) levanta importantes questões morais e éticas, não apenas para os cristãos, mas para todas as pessoas que se preocupam com a harmonia da Criação de Deus. No seu relatório do ano de 2007 o IPCC estima que, sem medidas sérias para redução de emissões, a temperatura global até 2100 subirá, com grande probabilidade, de 1,6 a 6,9°C acima do nível pré-industrial. Para estabelecer a comparação: a última vez que a temperatura da Terra ultrapassou em mais de 2 ou 3°C o valor pré-industrial foi há cerca de 3 milhões de anos atrás.

Embora as alterações climáticas venham a ter sérios impactos na Europa, as suas consequências serão ainda mais graves para outras partes do Mundo. As comunidades mais pobres do Mundo sofrerão uma série de consequências que devem

ser levadas bem a sério. De acordo com o IPCC, centenas de milhares de pessoas serão confrontadas com escassez de água e cada vez maiores secas, o que até meados do século forçará alguns milhões de pessoas a emigrar. Até 30% das espécies de plantas e animais estarão ameaçadas de extinção, desde que a temperatura média global ultrapasse em 2 a 3°C o valor pré-industrial. Isto torna clara a necessidade de limitar o aumento da temperatura ao valor mínimo realizável.

A inacção seria imperdoável, porque as medidas requeridas para o mundo industrializado não exigem sacrifícios inaceitáveis. Pelo contrário, essas medidas requerem em primeira linha transformações estruturais, que são realizáveis, e transformações nos comportamentos e hábitos sociais. Os custos financeiros situam-se bem abaixo do custo anual global para armamento. Não há portanto que escolher entre a luta contra as transformações climáticas ou contra pobreza e doença conforme abaixo se afirma. A protecção é,

* Resumo do relatório *“Uma visão cristã sobre as alterações climáticas”*, apresentado pelo grupo de peritos – constituído em Janeiro de 2008 e chefiado pelo antigo comissário da UE, Dr. Franz Fischler –, aos bispos da COMECE, em 29 de Outubro de 2008. O texto completo do relatório está disponível no site da COMECE <http://www.comece.eu>. In *Europe Infos* N.º 111, Dezembro de 2008.

pelo contrário, um contributo decisivo para combater a subnutrição, a doença e a pobreza.

Há que reconhecer que, primeiro que tudo, o problema do ambiente é um problema de “Ethos” público e como tal difícil de solucionar, sem pôr em questão a organização social, a nossa vida em comum e o sistema de valores da sociedade burguesa. São necessários dirigentes políticos e – ainda mais importante – uma reflexão e debate éticos, para conseguir atingir não apenas a compreensão, como também o coração da população e conseguir impor transformações. No que se refere ao aspecto mencionado em último lugar, a tradição cristã oferece alguns pontos de abordagem interessantes.

A Igreja Católica lê o Evangelho e a sua tradição espiritual sempre de uma forma renovada, à luz dos usos e costumes dos tempos. A sua doutrina social foi-se desenvolvendo sempre ao longo dos séculos baseada num conjunto de valores e princípios. A estes pertencem entre outros o respeito pela dignidade das pessoas a luta pela justiça global e a preocupação com os mais fracos e as gerações futuras, a aplicação da subsidiariedade e da solidariedade, bem como a sustentabilidade e responsabilidade pelo bem-estar comum. Estes valores e princípios podem ser também aplicados à avaliação da política climática.

As alterações climáticas são uma questão de justiça para com a Criação. A procura da justiça global e uma atenção especial para com os pobres e para com as gerações ainda não nascidas pertencem aos valores centrais da doutrina social católica.

Os cristãos acreditam que todas as pessoas são filhos de Deus, o que as leva ao pressuposto duma profunda dependência uns dos outros. O princípio da solidariedade baseia-se neste pressuposto e transmi-

te-se numa dimensão ética. Este princípio abrange não apenas o ponto de vista individual mas também o colectivo. “O dever de fomentar e apoiar a solidariedade, pesa também sobre os ombros das Nações” declarou o Papa Paulo VI (*Populorum Progressio* 48). Os esforços para melhorar ou manter a qualidade do ambiente no Norte servirão de pouco, sem um programa de medidas vigorosas e abrangentes de combate à pobreza. O problema do crescente fosso entre ricos e pobres tem de ser trabalhado. O que falta hoje são forças dirigentes e uma voz firme que defenda os interesses daqueles que, ou já hoje, ou no futuro, sofrerão sob o peso enorme das alterações climáticas: os mais pobres e as gerações futuras. A União Europeia é desafiada a erguer a sua voz por eles.

Para obter uma distribuição justa dos direitos de emissões é frequentemente sugerido que cada pessoa, em todo o mundo, deve gradualmente vir a adquirir os mesmos direitos de emissões. Com base nas emissões “per capita” são atribuídos aos países industrializados a pouco e pouco cada vez menos direitos, enquanto que os países em desenvolvimento obtêm direitos que vão crescendo cada vez mais, até que no ano de 2050 cada país possuirá o mesmo direito de emissões “per capita”. Este princípio de contracção e convergência não considera porém o facto de que a atmosfera desde o início da industrialização, em particular na Europa e nos EUA, foi sendo usada livremente. Ele representa apenas o mínimo absoluto de justiça.

No âmbito dos princípios acordados das responsabilidades comuns, mas diferentes, a União Europeia tem uma responsabilidade no combate às alterações climáticas – não apenas no tocante à história das alterações climáticas globais, mas também considerando os seus meios tecnológicos e financeiros e a sua experiência na actua-

ção cooperativa. Esta especial responsabilidade pela protecção do clima na Terra não compete só à UE, mas também a todos os países industrializados que dispõem dos meios tecnológicos e financeiros para o combate às alterações climáticas. No entanto, mesmo embora alguns países não sejam justos para com os pobres e as gerações futuras, isto não pode servir de desculpa à União Europeia para não assumir as medidas por ela própria consideradas como necessárias. Além disso a UE deveria envidar todos os esforços para convencer todas as partes envolvidas da necessidade da protecção do clima.

É determinante consciencializar-se de que as alterações climáticas são apenas um sintoma de formas de vida, processos produtivos e padrões de consumo não sustentáveis, que se desenvolveram no mundo industrializado. Deveríamos perguntar-nos se o desafio ecológico respeita não apenas à crescente premência numa nova estruturação dos métodos de produção actuais, mas também e sobretudo, à aceitação de novos estilos de vida que dependam menos de bens materiais e se baseiem mais em bens relacionados com a cultura e a sociedade. A Igreja católica e as outras confissões de orientação cristã encontram-se numa posição ideal para propagar uma tal transformação de estilos de vida. Isto pode ser atingido através de propostas concretas e do seu exemplo de humildade.

Nesta medida, seria um significativo sinal para todos os cristãos e para todo o mundo se a Convenção Quadro das Nações Unidas Sobre Alterações Climáticas e o Protocolo de Quioto fossem ratificados pela Santa Sé ou se uma encíclica maior sobre os problemas do meio ambiente pudessem estabelecer as boas práticas das

igrejas como um exemplo para outros. Além disso a Igreja deveria pertencer aos primeiros que investissem os seus recursos em projectos éticos ou de sustentabilidade e a desenvolver conceitos quanto à responsabilidade social de empresas no âmbito das suas actividades económicas.

Os cristãos têm de se distanciar das formas de vida dominantes nos nossos países, orientados fortemente para o consumo e um desequilibrado consumo de energia. Precisamos de uma visão mais abrangente da vida humana, para não sermos seduzirmos a seguirmos interesses ego-cêntricos. Além disso, necessitamos de uma relação consciente e responsável com os espaços em que vivemos. Temos por exemplo que reflectir sobre a nossa mobilidade, a qual sem dúvida traz consigo um elevado consumo de energia.

É possível uma mudança significativa no nosso estilo de vida, desde que a “moderação” voluntária seja aceite como virtude central na nossa . Promover o conceito de moderação não tem como objectivo limitar a qualidade de vida, mas outrossim conduzir a uma maior qualidade de vida e a maiores razões para alegria. Não se trata de se despojar do desejo de bens materiais, mas sim de melhor se aperceber e distinguir o que é essencial e o que é supérfluo. Por isso é necessário demonstrar a existência da verdadeira qualidade de vida. Atingimos satisfação, em primeira linha, através de bons relacionamentos: com as outras pessoas, com a própria Criação e com o nosso Deus, o Criador e Redentor, o Autor de todo o Bem.

Thomas Pickartz

DECÁLOGO PARA UM AMBIENTE À MEDIDA DO HOMEM no Compêndio da Doutrina Social da Igreja*

1. A Sagrada Escritura indica os critérios morais fundamentais para encarar a questão ambiental: a pessoa humana, feita à imagem e semelhança de Deus Criador, é colocada acima de todas as outras criaturas terrenas, que deve usar e cuidar de um modo responsável, para corresponder ao grande projecto divino sobre a criação. A Encarnação de Jesus, Verbo divino, e a Sua pregação testemunham o valor da natureza: nada de quanto existe neste mundo é estranho ao desígnio criador e redentor divino (nn. 451-455).

2. Ao abordar a questão ambiental, o Magistério social da Igreja pede para se ter em conta duas exigências fundamentais: a) não se deve reduzir de forma utilitarista a natureza a um mero objecto de manipulação e desfrute; b) não se deve absolutizar a natureza, nem sobrepô-la em dignidade à própria pessoa humana (nn. 461-464).

3. A questão ambiental actual envolve todo o planeta e a tutela do ambiente constitui um desafio para toda a humanidade: trata-se do dever, comum e universal, de respeitar um bem colectivo. A responsabilidade para com o ambiente, patri-

mónio comum do género humano, estende-se não só às exigências do presente, mas também às do futuro. Trata-se de uma responsabilidade que as gerações do presente têm em relação às futuras (nn. 466-467)

4. No que diz respeito à questão ambiental, deve-se fazer valer o primado da ética sobre a técnica e, portanto, a necessidade de salvaguardar sempre a dignidade do ser humano. Ponto de referência central para toda a aplicação científica e técnica é o respeito pelo homem, que deve acompanhar uma indispensável atitude de respeito para com os outros seres vivos (nn. 456-460).

5. Num delineamento correcto da questão ambiental, a natureza não é considerada uma realidade sagrada ou divina, subtraída à acção humana. É, antes, um dom oferecido pelo Criador à comunidade humana, confiado à inteligência e à responsabilidade moral do homem. Por isso, ele não comete um acto ilícito quando, respeitando a ordem, a beleza e a utilidade de cada ser vivo e da sua função no ecossistema, intervém modificando-lhe algumas das

* Da autoria do Observatório Internacional Cardeal Van Thuân sobre a Doutrina Social da Igreja. Os números entre parênteses remetem para o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, editado pelo Conselho Pontifício Justiça e Paz.

suas características e propriedades. São deploráveis as intervenções do homem quando danificam os seres vivos ou o ambiente natural, ao passo que são louváveis quando se traduzem no seu melhoramento (nn. 472-480).

6. A questão ambiental evidencia a necessidade de harmonizar as políticas de desenvolvimento com as políticas ambientais, tanto a nível nacional como internacional. A programação do desenvolvimento económico deve considerar atentamente a necessidade de respeitar a integridade e os ritmos da natureza, já que os recursos naturais são limitados e alguns não são renováveis. Toda a actividade económica que se valha dos recursos naturais deve também preocupar-se com a salvaguarda do ambiente e prever-lhe os custos, que devem ser considerados como um elemento essencial do verdadeiro custo da actividade económica (nn. 469-470).

7. A questão ambiental requer que se trabalhe activamente para o desenvolvimento integral e solidário das regiões mais pobres do planeta. A este respeito, a doutrina social convida a ter presente que os bens da terra foram criados por Deus para serem sabiamente usados por todos: tais bens devem ser divididos com equidade, segundo a justiça e a caridade. Na concretização de um desenvolvimento integral e solidário, o princípio do destino universal dos bens oferece uma fundamental orientação, moral e cultural, para desatar o complexo e dramático laço que une questão ambiental e pobreza (nn. 481-485).

8. A questão ambiental requer para a protecção do ambiente a colaboração internacional, através da ratificação de acordos mundiais sancionados pelo direito internacional. A responsabilidade em relação ao ambiente deve encontrar uma tradução adequada a nível jurídico. O conteú-

do jurídico do direito a um ambiente saudável e seguro deverá ser elaborado segundo as exigências do bem comum e numa vontade comum de introduzir também sanções para aqueles que poluem (n. 468).

9. A questão ambiental exige uma mudança efectiva de mentalidade que induza a adoptar novos estilos de vida. Tais estilos de vida devem ser inspirados na sobriedade, na temperança e na autodisciplina nos planos pessoal e social. É necessário sair da lógica do mero consumo e promover formas de produção agrícola e industrial que respeitem a ordem da criação e satisfaçam as necessidades primárias de todos. Uma semelhante atitude favorece uma renovada consciência da interdependência que une entre si todos os habitantes da terra (n. 486).

10. A questão ambiental requer também uma resposta a nível da espiritualidade, inspirada na convicção de que a criação é um dom, que Deus colocou nas mãos responsáveis do homem, para que a utilize com um cuidado amoroso. A atitude que deve caracterizar o homem perante a criação é essencialmente a da gratidão e do reconhecimento: de facto, o mundo reconduz-nos ao mistério de Deus que o criou e sustém. Se se coloca entre parêntesis a relação com Deus, esvazia-se a natureza do seu significado profundo, depauperando-a. Se, pelo contrário, se chega a descobrir a natureza na sua dimensão de criatura, é possível estabelecer com ela uma relação comunicativa, colher o seu significado evocativo e simbólico, penetrar assim no horizonte do mistério, franqueando ao homem a abertura para Deus, Criador dos céus e da Terra. O mundo oferece-se ao olhar do homem como rasto de Deus, lugar no qual se desvela a sua força criadora, providente e redentora (n. 487).

GARANTIR A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Objectivo de Desenvolvimento do Milénio (8)*

INTRODUÇÃO

Os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) reconhecem que os destinos das pessoas e do ambiente estão interligados. Os países mais pobres do mundo estão muito dependentes da agricultura e são muito vulneráveis à degradação ambiental. Ameaças ambientais como o consumo de água contaminada colocam sérios desafios à saúde pública. Os conflitos em torno dos recursos naturais têm dividido algumas sociedades e a urbanização exige uma gestão equilibrada destes recursos. É necessário adoptar, com urgência, políticas de desenvolvimento sustentável e melhorar o planeamento urbano, não só para atingir os ODM, mas também para prevenir conflitos em torno dos recursos naturais e, ainda, para prevenir uma degradação ambiental irreversível.

As pessoas mais pobres do mundo encontram-se mais vulneráveis aos efeitos das alterações climáticas, particularmente ao efeito da degradação ambiental e à falta de acesso a energias limpas e sustentáveis. Estão mais expostas às suas consequên-

cias, são mais sensíveis às mudanças e têm menos capacidade de adaptação às novas condições ambientais. Dispõem de poucos meios para fazer as onerosas mudanças necessárias para se protegerem de condições climáticas adversas ou para adoptar novas técnicas agrícolas. Os governos dos países pobres carecem, muitas vezes, de recursos para investir em infra-estruturas que lhes permitam satisfazer as crescentes necessidades nos domínios da água potável, alimentação, abrigo e reabilitação de zonas afectadas pelas alterações climáticas.

SITUAÇÃO ACTUAL

As emissões de dióxido de carbono (CO₂ – gás com efeito de estufa) atingiram 28 mil milhões de toneladas em 2005 e continuam a crescer, resultando num aumento de concentração atmosférica de CO₂. A nível global, as emissões de CO₂ aumentaram cerca de 30% entre 1990 e 2005, com um crescimento anual, entre 2000 e 2005, maior que na década precedente. As emissões *per capita* são mais elevadas nas regiões desenvolvidas: cerca de 12 tonela-

* In Objectivo 2015 - Campanha do Milénio das Nações Unidas: <http://www.objectivo2015.org>.

das de CO2 por pessoa num ano, comparando com cerca de 3 toneladas nas zonas em desenvolvimento e 0.8 toneladas na África Subsariana. As emissões por unidade económica de produção diminuíram mais de 20% nas zonas desenvolvidas, tendo crescido 35% no Sudoeste Asiático e 25% no Norte de África.

Em resposta à perda da diversidade global, a comunidade internacional encorajou a protecção marinha e terrestre. Como resultado, cerca de 21 milhões de km2 de terra e mar foram postos sob protecção em 2007. Apesar da sua importância para a sustentabilidade dos stocks de pesca e modos de vida das populações costeiras, apenas 0.7% dos oceanos do mundo – cerca de 2 milhões km2 – foram protegidos. O total de área florestal concebida para a conservação da biodiversidade cresceu cerca de 96 milhões de hectares desde 1990 e conta agora como 1/10 da área total da floresta.

1.6 mil milhões de pessoas vivem em áreas com escassez de água. Em 2008 mais de 50% da população mundial vive em zonas urbanas – 3.3 mil milhões de pessoas. Esta urbanização está a esgotar os recursos naturais e a conduzir a sobrepovoamento, habitação inadequada e escassez de água e de saneamento para os mais pobres das cidades, em particular nas cidades mais pobres da África Subsariana e da Ásia. Perto de 2.5 mil milhões de pessoas permanecem sem saneamento melhorado – mais de mil milhões na Ásia e 500 milhões na África Subsariana. Em 2006 existiam 54 países onde menos de metade da sua população tinha acesso a condições de saneamento melhoradas; ¼ destes países situam-se na África Subsariana.

Os efeitos das alterações climáticas e da degradação dos recursos naturais nas futuras gerações ditam que o mundo deve agir

agora. É urgente um plano de acção coordenada que inclua:

- estratégias para a redução das emissões de CO2, utilizando mecanismos de mercado para mitigar os seus efeitos;
- financiamento de iniciativas de baixas emissões de carbono para os países em desenvolvimento;
- financiamento e apoio aos países pobres na adaptação de estratégias;
- preservação e gestão eficazes para inverter o processo de perda de recursos naturais e reduzir significativamente a perda de biodiversidade;
- investimento para fornecer electricidade e combustíveis limpos para cozinhar;
- desenvolvimento de sistemas de gestão dos recursos naturais e dos ecossistemas assentes na participação e favoráveis aos pobres;
- conclusão das negociações para garantir um resultado satisfatório da Convenção-Quadro sobre Alterações Climáticas, até final de 2009;
- promoção de tecnologias favoráveis ao clima e de adaptação às alterações climáticas;
- aumento das despesas no domínio da água e do saneamento, de modo que passem de 0,5 para pelo menos 1% do PIB;
- melhoramento dos bairros degradados e investimento em habitações dignas e a preços comportáveis para os pobres, nomeadamente as mulheres.



SUGESTÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 2010

LITURGIA DO DIA

INTRODUÇÃO À CELEBRAÇÃO

Hoje, primeiro dia de um novo ano, o Papa Bento XVI, no âmbito da celebração do 43º Dia Mundial da Paz, convida-nos a reflectir sobre o tema: *Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação*. «O respeito pela criação — diz-nos o Papa — reveste-se de grande importância, designadamente porque a criação é o princípio e o fundamento de todas as obras de Deus e a sua salvaguarda torna-se hoje essencial para a convivência pacífica da humanidade. Com efeito, se são numerosos os perigos que ameaçam a paz e o autêntico desenvolvimento humano integral, devido à desumanidade do homem para com o seu semelhante — guerras, conflitos internacionais e regionais, actos terroristas e violações dos direitos humanos —, não são menos preocupantes os perigos que derivam do desleixo, se não mesmo do abuso, em relação à terra e aos bens naturais que Deus nos concedeu. Por isso, é indispensável que a humanidade renove e reforce aquela aliança entre ser humano e ambiente que deve ser espelho do amor criador de Deus, de Quem provimos e para Quem estamos a caminho». ***Se queremos cultivar a paz, cuidemos da criação!***

ACTO PENITENCIAL

Porque não nos temos preocupado suficientemente com a criação de Deus, nem manifestado uma grande sensibilidade e respeito pela sua maravilhosa diversidade, voltemo-nos para Cristo em oração:

Senhor Jesus, que nos cumulais com todas as bênçãos da vida e do amor,
Senhor, misericórdia.

Cristo Jesus, que nos chamastes a cuidar da criação e a ser guardiães da vida que partilhamos,
Cristo, misericórdia.

Senhor Jesus, cujo Espírito desperta em nós louvor e admiração,
Senhor, misericórdia.

ORAÇÃO DOS FIÉIS

P. Elevemos a Deus, Criador onnipotente e Pai misericordioso, a nossa oração fervorosa, para que no coração de cada homem e de cada mulher ressoe, seja acolhido e vivido o premente apelo: *Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação*, e digamos:

T. SENHOR DA CRIAÇÃO, CONCEDEI-NOS A VOSSA PAZ.

L. Pela Igreja, chamada a empenhar-se na defesa da terra, da água e do ar, dons do Deus Criador a todos e, acima de tudo, na protecção do homem contra o perigo da destruição de si mesmo:

Pausa — dar tempo suficiente para que as pessoas possam orar

OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR DA CRIAÇÃO, CONCEDEI-NOS A VOSSA PAZ.

L. Pelos responsáveis das nações e quantos, nos diversos níveis, têm a peito a sorte da humanidade, aos quais se pede que estejam cientes de que a salvaguarda da criação e a realização da paz são realidades intimamente ligadas entre si:

Pausa — dar tempo suficiente para que as pessoas possam orar

OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR DA CRIAÇÃO, CONCEDEI-NOS A VOSSA PAZ.

L. Por todos os homens e mulheres de boa vontade, que assumem como um desafio urgente o dever de proteger o ambiente natural para construir um mundo de paz:

Pausa — dar tempo suficiente para que as pessoas possam orar

OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR DA CRIAÇÃO, CONCEDEI-NOS A VOSSA PAZ.

L. Pelas famílias, no seio das quais se educa para o amor ao próximo e para o respeito da natureza:

Pausa — dar tempo suficiente para que as pessoas possam orar

OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR DA CRIAÇÃO, CONCEDEI-NOS A VOSSA PAZ.

L. Pelos cristãos que, iluminados pela Revelação divina e seguindo a Tradição da Igreja, dão o seu contributo na protecção do ambiente natural, trabalhando contra a sua vergonhosa exploração e comprometendo-se na reconciliação entre a humanidade e a natureza:

Pausa — dar tempo suficiente para que as pessoas possam orar

OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR DA CRIAÇÃO, CONCEDEI-NOS A VOSSA PAZ.

- L. Por todos os que, por causa da degradação do ambiente onde vivem, se vêem obrigados a abandonar os seus lares e as suas terras – deixando lá muitas vezes também os seus bens – tendo de enfrentar os perigos e as incógnitas de uma deslocação forçada:

Pausa — dar tempo suficiente para que as pessoas possam orar

OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR DA CRIAÇÃO, CONCEDEI-NOS A VOSSA PAZ.

- L. Pelos que morreram devido aos danos que os seres humanos têm provocado no nosso mundo — as vítimas da poluição do ar, das inundações causadas pelas desflorestações, dos conflitos por causa dos recursos naturais:

Pausa — dar tempo suficiente para que as pessoas possam orar

OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR DA CRIAÇÃO, CONCEDEI-NOS A VOSSA PAZ.

- L. Por todos nós aqui reunidos, chamados a adoptar estilos de vida que, em contraste com o domínio da lógica económica e do consumismo, sejam inspirados na sobriedade, na temperança e na autodisciplina, reconhecendo assim valor a uma qualidade de vida responsável e sustentável:

Pausa — dar tempo suficiente para que as pessoas possam orar

OREMOS IRMÃOS AO SENHOR.

T. SENHOR DA CRIAÇÃO, CONCEDEI-NOS A VOSSA PAZ.

- P. Senhor, Deus criador da natureza e da humanidade, que nos destes a responsabilidade sobre a terra, um mundo de beleza e de abundância, ajudai-nos a viver de forma simples e sustentável, para que as nossas vidas possam espelhar a vossa generosidade e para que aqueles que nos sucederem possam gozar dos frutos da vossa criação. Isto vos pedimos por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

T. ÁMEN.

BÊNÇÃO FINAL

Que o Senhor se compadeça de nós e nos dê a sua bênção.

Que o Senhor faça resplandecer sobre nós a luz do seu rosto.

Que o Senhor nos proteja no caminho que nos conduz à paz e nos conceda sabedoria para cuidar da Terra, nossa casa comum.

COLECTÂNEA DE ORAÇÕES



ORAÇÃO PARA VIVER COM SIMPLICIDADE

Deus compassivo e bondoso,
criaste o mundo para ser partilhado por todos,
um mundo de beleza e abundância.
Cria em nós o desejo de viver de forma simples,
para que as nossas vidas possam espelhar a tua
generosidade

Deus criador,
deste-nos a responsabilidade sobre a terra,
um mundo de riqueza e encanto.
Cria em nós o desejo de viver de forma
sustentável, para que aqueles que nos
sucederem possam gozar dos frutos da tua
criação.

Deus de paz e justiça,
deste-nos a capacidade de mudar, de suscitar
um mundo que espelhe a tua sabedoria.
Cria em nós o desejo de agir em solidariedade,
para que os pilares da injustiça desabem e
aqueles que agora estão esmagados sejam
libertados. Amén.

CÂNTICO DAS CRIATURAS

Altíssimo, omnipotente, bom Senhor,
a Ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.

Louvado sejas, meu Senhor,
com todas as tuas criaturas,
especialmente o meu senhor irmão Sol,
o qual faz o dia e por ele nos alumia.
E ele é belo e radiante, com grande esplendor:
de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela Irmã lua e estrelas:
no céu as acendeste, claras, e preciosas, e
belas.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão vento e pelo ar, e nuvens,
e sereno, e todo o tempo,
por quem dás às tuas criaturas o sustento.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã água, que é tão útil, e humilde,
e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão fogo, pelo qual alumias a noite e ele
é belo, e jucundo, e robusto, e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta
e governa e produz variados frutos, com flores
coloridas, e verduras.

Louvai e bendizei a meu Senhor,
e dai-lhe graças e servi-o com grande
humildade.

HINO AO CRIADOR DO UNIVERSO

Bendiz, ó minha alma, o SENHOR!
SENHOR, meu Deus, como Tu és grande!
Estás revestido de esplendor e majestade!
Estás envolto num manto de luz
e estendeste os céus como um véu.
Fixaste sobre as águas a tua morada,
fazes das nuvens o teu carro,
caminhas sobre as asas do vento.
Fazes dos ventos teus mensageiros,
e dos relâmpagos, teus ministros.

Fundaste a terra sobre bases sólidas,
ela mantém-se inabalável para sempre.
Tu a cobriste com o manto do abismo
e as águas cobriram as montanhas;
mas, à tua ameaça, elas fugiram,
ao fragor do teu trovão, estremeceram.
Ergueram-se as montanhas, cavaram-se os vales nos lugares que lhes determinaste.
Puseste limites às águas, para não os ultrapassarem,
e nunca mais voltarem a cobrir a terra.

Transformas as fontes em rios,
que serpenteiam entre as montanhas.
Eles dão de beber a todos os animais selvagens,
neles matam a sede os veados dos montes.
Os pássaros do céu vêm morar nas suas margens;
ali chilreiam entre a folhagem.

Das tuas altas moradas regas as montanhas;
com a bênção da chuva sacias a terra.
Fazes germinar a erva para o gado
e as plantas úteis para o homem,
para que da terra possa tirar o seu alimento:
o vinho, que alegra o coração do homem,
o azeite, que lhe faz brilhar o rosto,
e o pão, que lhe robustece as forças.

Matam a sua sede as árvores do SENHOR,
os cedros do Líbano que Ele plantou.
Nelas fazem ninho as aves do céu;
a cegonha constrói a sua casa nos ciprestes.
Os altos montes são abrigo para as cabras,
e os rochedos, para os animais roedores.

A Lua cumpre as várias estações
e o Sol conhece o seu ocaso.
Tu estendes as trevas e faz-se noite,
nela vagueiam todos os animais da selva.
Rugem os leões em busca da presa,

pedindo a Deus o seu alimento.
Mas, ao nascer do Sol, logo se retiram,
para se recolherem nos seus covis.
Então o homem sai para o trabalho
e moureja até anoitecer.

SENHOR, como são grandes as tuas obras!
Todas elas são fruto da tua sabedoria!
A terra está cheia das tuas criaturas!
Lá está o mar, grande e vasto,
onde se agitam inúmeros seres,
animais grandes e pequenos.
Nele passam os navios e ainda o Leviatan,
monstro que Tu criaste, para ali brincar.
Todos esperam de ti
que lhes dês comida a seu tempo.
Dás-lhes o alimento, que eles recolhem,
abres a tua mão e saciam-se do que é bom.
Se deles escondes o rosto, ficam perturbados;
se lhes tiras o alento, morrem
e voltam ao pó donde saíram.
Se lhes envias o teu espírito, voltam à vida.
E assim renovas a face da terra.

Glória ao SENHOR por toda a eternidade!
Que o SENHOR se alegre em suas obras!
Ele olha para a terra e ela estremece,
toca nos montes e eles fumegam.

Cantarei ao SENHOR, enquanto viver;
louvarei o meu Deus, enquanto existir.
Que o meu cântico lhe seja agradável,
pois no SENHOR encontro a minha alegria.
Desapareçam da terra os pecadores!
Os ímpios deixem de existir!
Bendiz, ó minha alma, o SENHOR!
Aleluia!

Salmo 104 (103)



LOUVAI A DEUS, CÉUS E TERRA

Aléluia!

Louvai ao SENHOR do alto dos céus;
louvai-o nas alturas!
Louvai-o, todos os seus anjos;
louvai-o, todos os seus exércitos celestes!
Louvai-o, Sol e Lua;
louvai-o, estrelas luminosas!
Louvai-o, alturas dos céus
e águas que estais acima dos céus!
Louvem todos o nome do SENHOR,
porque Ele deu uma ordem e tudo foi criado;
Ele fixou tudo pelos séculos sem fim
e estabeleceu leis a que não se pode fugir!
Da terra, louvai o SENHOR;
monstros do mar e todos os abismos;
fogo e granizo, neve e neblina;
vento tempestuoso, que obedece à sua
palavra;
montanhas e todas as colinas;
árvores de fruto e todos os cedros;
feras e todos os rebanhos;
répteis e aves que voam!
Louvai-o, reis do mundo e todos os povos;
todos os chefes e governantes do mundo;
os jovens e as donzelas,
os velhos e as crianças!
Louvem todos o nome do SENHOR,
pois só o seu nome é sublime
e a sua glória está acima do céu e da terra!
Ele engrandeceu a força do seu povo,
Ele é a honra de todos os seus fiéis,
dos filhos de Israel, seu povo amigo.
Aléluia!

Salmo 148

O LOUVOR DAS CRIATURAS

Obras do Senhor, bendizei todas o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Céus, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Anjos do Senhor, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Águas que estais acima dos céus, bendizei o
Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Todos os poderes do universo, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!

Sol e Lua, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Estrelas dos céus, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Chuva e orvalho, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Todos os ventos, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Fogo e chama, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Frio e calor, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Orvalho e geadas, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Frio e gelo, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Gelos e neves, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Noites e dias, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Luz e trevas, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Relâmpagos e nuvens, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Que a terra bendiga o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Montes e colinas, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Tudo o que germina na terra, bendizei o
Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Mares e rios, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Fontes, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Monstros marinhos e tudo o que se move nas
águas, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Todas as aves do céu, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Todos os animais, selvagens e domésticos,
bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!
Vós, seres humanos, bendizei o Senhor:
- a Ele a glória e o louvor eternamente!

Daniel 3,57-82

OUTRAS MANEIRAS DE ASSINALAR O DIA MUNDIAL DA PAZ E USAR O TEMA

Para além de uma Missa pela paz, pode-se organizar uma paraliturgia pela paz, uma vigília da paz ou outro tipo de evento baseado no tema: *Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação.*

PROPOSTAS PARA ACTIVIDADES

As actividades aqui propostas podem ser realizadas com pessoas de todas as idades desde que o animador adapte a linguagem de acordo com as características dos elementos do grupo.*

A. CRIAR UM JARDIM DE PAZ NOS CANTEIROS/ESPAÇOS DA PARÓQUIA/IGREJA

Uma excelente forma de juntar as pessoas para planejar, trabalhar e desenvolver um projecto comum. Um jardim de paz pode incentivar-nos a pensar no que a paz significa para a nossa comunidade local e ajudar-nos a ter em conta o nosso ambiente imediato. Será que ele respeita o crescimento e a regeneração? Será que proporciona a união entre as pessoas e a natureza? Será que cria oportunidades para aprender como podemos cuidar da Terra e uns dos outros?

O planeamento e desenho de um jardim é, por si só, um trabalho artístico. As possibilidades são imensas: pintar pedras com mensagens de paz e colocá-las no jardim como elementos decorativos, pedir aos participantes que tragam plantas e outros elementos como troncos, grades para trepadeiras, etc. e dispô-los de forma a formarem um conjunto harmonioso e um local agradável para estar, meditar, rezar... Aproveitar uma parede ou um muro para pintar um jardim de flores e mensagens de paz, etc., tudo pode contribuir para construir um jardim que transmita paz e nos aproxime da natureza.

* Adaptadas da publicação da Pax Christi UK, *Peace Sunday 2010*.

B. MONTAR UMA EXPOSIÇÃO

- Use um dos posters da Pax Christi — que pode descarregar do site da Pax Christi Portugal (<http://www.paxchristiportugal.pt>) —, ou outro sobre a paz, como peça central de uma exposição sobre as formas como podemos **construir** a paz e assim proteger a terra. Organize uma actividade com crianças relacionada com esse poster e exponha os trabalhos realizados por elas.
- Solicite à Pax Christi a exposição de fotografias **“Do Imaginário de Paz à Imagem de Paz”** e utilize-a para desenvolver actividades na sua paróquia, escola, ou outro local.

C. ORAÇÃO E ACÇÃO NA PARÓQUIA

- Escolha uma das orações que lhe propomos e imprima cartões com ela para distribuir nas Eucaristias do Dia Mundial da Paz.
- Proponha a realização periódica de tempos de oração alertando para a necessidade de cuidar da Criação.
- Proponha a realização de uma avaliação ecológica na sua paróquia: consumo de energia, utilização dos terrenos da igreja, etc., com vista a torná-la numa eco-paróquia.

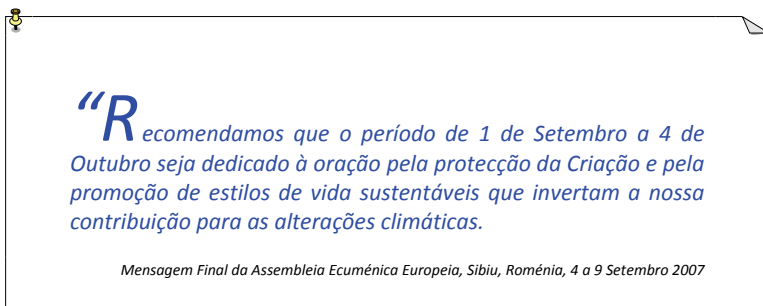
D. INTERVIR NA AGENDA POLÍTICA

Organize uma conferência/debate com responsáveis políticos locais (Junta de Freguesia, Câmara Municipal, ou outros) para abordar e analisar a forma como estes pretendem defender o ambiente e melhorar a segurança dos cidadãos tendo em conta as necessidades das pessoas, a cooperação, a justiça e o necessário cuidado com a natureza.

E. O QUE PODEMOS FAZER PARA AJUDAR O AMBIENTE

Utilize o folheto da Pax Christi **“10 Sugestões para um Estilo de Vida Mais Simples”**, disponível para download no site da Pax Christi Portugal (<http://www.paxchristiportugal.pt>).

Faça-o circular e proponha aos seus amigos, aos membros do seu grupo, etc., uma reflexão sobre o estilo de vida de cada um, verificando o que já fazem para ajudar o ambiente e aquilo que ainda podem vir a fazer para melhorar e ter um estilo de vida mais saudável e respeitador do ambiente.



IDEIAS PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS

SEMEAR SEMENTES DE PAZ, NÃO DE VIOLÊNCIA*

MATERIAL NECESSÁRIO

- Folhas de papel de diferentes cores, com as perguntas referidas mais abaixo;
- Canetas;
- Um mapa mundo;
- Cópia/impressão de um dos posters da Pax Christi: “Para semear a paz protege a natureza”, ou “Cuidar da criação é construir a paz”**;
- Bostik ou fita cola.



1ª ETAPA

Inicie uma discussão no grupo sobre os componentes vitais mais importantes da Terra que Deus nos deu: quais destes componentes estão representados no poster da Pax Christi? Montanhas, mares e oceanos, florestas, plantas, animais (o que estará dentro da arca?), etc., e como é que actualmente estes são muitas vezes maltratados ou ignorados.

2ª ETAPA

Peça a cada um dos elementos do grupo para escolher um destes componentes. Depois de cada um ter escolhido um, peça-lhes que se preparem para representar o componente que escolheram falando ao grupo na primeira pessoa. Dê a cada um uma cópia da folha “**Semear sementes de paz, não de violência**”** (ver página seguinte), que devem preencher respondendo em nome do seu componente.

* Adaptada da publicação da Pax Christi UK, *Peace Sunday 2010*.

** Material disponível para download no site da Pax Christi Portugal: <http://www.paxchristiportugal.pt>.

Semear sementes de paz, não de violência

Eu falo em nome de

(Nome do animal, planta, ou outra parte da família da terra de que gostes mais e que queiras proteger.)

Como é que eu sou:

(Descreve o teu tamanho e forma, como te movimentas, que barulho fazes ou a que cheiras, como te sentes, etc.)

.....
.....
.....

O que me fizeram certas pessoas:

(Descreve como é que as pessoas te usaram mal ou te magoaram)

.....
.....
.....

Porque é que sou especial:

(De que é que as pessoas gostam em ti? Em que é que tu contribuis para melhorar a vida das pessoas?)

.....
.....
.....

Como quero que as pessoas me passem a tratar a partir de agora:

.....
.....
.....

CONCLUSÃO

Cada criança lê para o grupo aquilo que escreveu na sua folha, sempre representando o papel do componente da natureza que escolheu.

Depois, colam-se as folhas num mapa mundo que previamente se pendurou na parede, e finaliza-se com uma oração.

ORAÇÃO

Senhor nosso Deus e nosso Criador, pedimos perdão pelas vezes em que não respeitámos a Tua criação. Prometemos ser melhores no futuro, plantando sementes de paz através do nosso exemplo e assim contribuir para melhorar o nosso mundo. Ámen.

TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2010)

PAULO VI

- 1968: O 1º de Janeiro: Dia Mundial da Paz
- 1969: A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz
- 1970: Educar-se para a paz através da reconciliação
- 1971: Todo o homem é meu irmão
- 1972: Se queres a paz, trabalha pela justiça
- 1973: A paz é possível
- 1974: A paz também depende de ti
- 1975: A reconciliação, caminho para a paz
- 1976: As verdadeiras armas da paz
- 1977: Se queres a paz, defende a vida
- 1978: Não à violência, sim à paz

JOÃO PAULO II

- 1979: Para alcançar a paz, educar para a paz
- 1980: A verdade, força da paz
- 1981: Para servir a paz, respeita a liberdade
- 1982: A paz: dom de Deus confiado aos homens
- 1983: O diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo
- 1984: De um coração novo nasce a paz
- 1985: A paz e os jovens caminham juntos
- 1986: A paz é um valor sem fronteiras. Norte-Sul, Leste-Oeste: uma só paz
- 1987: Desenvolvimento e solidariedade, chaves da paz
- 1988: Liberdade religiosa, condição para a convivência pacífica
- 1989: Para construir a paz, respeitar as minorias

- 1990: Paz com Deus criador, paz com toda a criação
- 1991: Se queres a paz, respeita a consciência de cada homem
- 1992: Os crentes unidos na construção da paz
- 1993: Se procuras a paz, vai ao encontro dos pobres
- 1994: Da família nasce a paz da família humana
- 1995: Mulher: educadora de paz
- 1996: Dêmos às crianças um futuro de paz
- 1997: Oferece o perdão, recebe a paz
- 1998: Da justiça de cada um nasce a paz para todos
- 1999: No respeito dos direitos humanos o segredo da verdadeira paz
- 2000: "Paz na terra aos homens, que Deus ama!"
- 2001: Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor e da paz
- 2002: Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão
- 2003: "*Pacem in terris*": um compromisso permanente
- 2004: Um compromisso sempre actual: educar para a Paz
- 2005: Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem

BENTO XVI

- 2006: Na verdade, a paz
- 2007: A pessoa humana, coração da paz
- 2008: Família humana, comunidade de paz
- 2009: Combater a pobreza, construir a paz
- 2010: Se quiseres cultivar a Paz, preserva a Criação



Pax Christi Portugal

A/c CRC

Rua Castilho, 61 – 2º Dtº

1250-068 LISBOA

Tel.: 213 86 51 39

E-mail: paxchristi_pt@hotmail.com

Webpage: <http://www.paxchristiportugal.net>